

## A PRESENÇA DAS METÁFORAS CONCEITUAIS NA POESIA DE AUTORES DA LITERATURA BRASILEIRA

Vanessa Sales CARVALHO (PIBIC/CNPQ/Universidade Estadual do Piauí)  
Prof. Orientador: Silvana Maria Calixto de LIMA (UESPI/UFPI)

**RESUMO:** durante muito tempo a metáfora foi estudada apenas como um adorno ou figura de linguagem de uso exclusivo dos poetas. No entanto, o lançamento do livro *Metaphor we live by*, em 1980, de Lakoff e Johnson, mudou o roteiro de estudo da metáfora, que passou a ter uma abordagem sistematicamente cognitiva. Nessa obra, os autores erigem a hoje conhecida Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), postulando que “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 3), o que significa que a metáfora faz parte da linguagem do cotidiano e não apenas da linguagem poética. Neste trabalho, com o aporte teórico da TMC, apresentamos um inventário de metáforas conceituais que podem ser empregadas na conceitualização da morte, motivadas por diferentes modelos cognitivos/culturais. O inventário dessas metáforas é feito a partir da análise de um *corpus* constituído por poemas de autores da literatura brasileira que versam sobre a temática da morte. A análise parte do exame de expressões metafóricas para a posterior identificação das metáforas conceituais que lhes são subjacentes. Com esse procedimento analítico, foi possível identificar a ocorrência sistemática de cinco metáforas da morte na construção dos poemas analisados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica cognitiva. Metáfora conceitual. Linguagem poética.

### 1. Introdução

A concepção clássica de metáfora como um adorno ou figura de linguagem perdurou durante muitos séculos. Entretanto, com o lançamento da obra *Metaphor we live by*, em 1980, assinada por Lakoff e Johnson, foi erigida uma concepção mais ampla da metáfora, que passa a ter uma abordagem sistematicamente cognitiva, à luz dos pressupostos de uma Semântica Cognitiva, experiencialista, pela qual se compreende que a significação emerge da interação entre mente-corpo-mundo, diferente da visão clássica de cognição que separava corpo e mente. Tal livro, que é considerado um divisor de águas no estudo da metáfora, lança as bases da teoria que hoje é conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual e seus autores postulam que “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 3). Assim, compreende-se que a metáfora está internalizada no nosso aparato cognitivo, fazendo parte de nossa vida cotidiana, de nossos pensamentos, de nossas ações e não apenas da linguagem poética como se acreditava anteriormente, de forma que seu uso é indispensável e tem íntima relação com a cultura em que o indivíduo está inserido. Assim sendo, neste trabalho, com o aporte teórico da Teoria da Metáfora Conceitual, investigamos as metáforas conceituais que podem ser empregadas na conceitualização da morte, a partir da análise de um *corpus* constituído por poemas de autores da literatura brasileira que versam sobre a temática da morte, dentre eles Alphonsus Guimarães, Cruz e Sousa, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Na primeira parte deste estudo, fazemos uma contextualização da Teoria da Metáfora Conceitual no âmbito da Linguística Cognitiva e apresentação de seus

pressupostos básicos, para, na sequência, apresentar a análise propriamente dita, cujos procedimentos partem da identificação e exame de ocorrências de expressões metafóricas para o inventário das metáforas conceituais subjacentes a essas expressões. Embora seja possível quantificar o número de metáforas conceituais identificadas, a análise qualitativa dos dados foi privilegiada, considerando que este trabalho busca dar uma contribuição para a análise linguística pautada na Teoria da Metáfora Conceitual.

## 2. Teoria da metáfora conceitual: contextualização e pressupostos básicos

A Teoria da metáfora conceitual teve suas bases lançadas a partir de estudos realizados por Lakoff e Johnson, que resultaram no lançamento da obra *Metaphor we live by* em 1980. Nesse livro, os autores tratam desse fenômeno linguístico de uma perspectiva sistematicamente cognitiva.

Para se compreender a Teoria da Metáfora Conceitual, é preciso observar que ela está inserida no âmbito da Semântica Cognitiva, que, por sua vez, é uma dos ramos da Linguística Cognitiva. A Linguística Cognitiva é uma das áreas de estudo da linguagem que surgiu da insatisfação com a abordagem formalista da língua. Como afirma Lima (2009, p. 67), o objeto de estudo dessa ciência “concerne às investigações que envolvem o tripé linguagem humana-mente-experiência físico-social”, o que nos leva a compreender que a linguagem humana e, por extensão, os pensamentos e ações, são frutos da experiência humana nas suas mais diversificadas interações.

Segundo a referida autora, com base em , a Linguística Cognitiva possui dois compromissos fundamentais: o compromisso com a generalização e o compromisso cognitivo. Afirma ela que tais compromissos são a base para os estudos realizados pelos dois campos da Linguística Cognitiva: a Semântica Cognitiva e a Abordagem Cognitiva da Gramática. O primeiro compromisso é assim definido:

*o compromisso com a generalização não parte do pressuposto da existência desses módulos da língua, organizados de formas diferentes, pois, antes de tudo, assenta numa proposta mais ampla, que se ocupa em investigar de que maneira os vários aspectos do conhecimento linguístico podem emergir de um conjunto comum de habilidades cognitivas a partir das quais se configuram. Por essa ótica, não se assume que o conhecimento linguístico seja produzido em módulos encapsulados na mente”. (LIMA, 2009, p. 68)*

Esse compromisso opõe-se a uma abordagem formal da língua que a concebe de maneira fragmentada, como se o conhecimento fosse modular. Defende, pois, que o conhecimento linguístico seja estudado de forma mais ampla, abarcando a forma como esse pode emergir das habilidades cognitivas a partir das quais toma uma configuração.

O segundo compromisso, o *compromisso cognitivo*, “define-se pela proposta de caracterizar os princípios gerais da língua em consonância com os conhecimentos de outras disciplinas que se ocupam do estudo da cognição humana” (LIMA, 2009, p. 68). É importante ressaltar que a sua base é o primeiro compromisso, dizendo respeito basicamente à união entre as disciplinas que tratam da cognição, para que melhor se possa estudar a língua.

Como dito, as duas grandes áreas da Linguística Cognitiva são a Semântica Cognitiva, que, tem como foco o estudo do significado linguístico, e a Abordagem Cognitiva da Gramática, cujos estudos dizem respeito à gramática mental. Para este trabalho, interessa-nos

apenas a abordagem da Semântica Cognitiva, já que está intimamente relacionada com o objetivo maior deste estudo.

A Semântica Cognitiva tem seu marco inaugural com o lançamento da obra *Metaphor we live by*, em 1980, por Lakoff e Johnson. Essa área, diferentemente da Semântica Formal e da Semântica Argumentativa, que defendem, respectivamente, que o significado reside numa referência de verdade no mundo e na própria linguagem (no jogo da argumentação), assume que o significado emerge da interação entre mente-corpo-mundo, divergindo também da visão clássica de cognição que separa corpo e mente.

Para a Semântica Cognitiva, o indivíduo interage com o mundo e aprende esquemas imagéticos e categorias de nível básico que norteiam a construção do significado. Como exemplo, podemos citar o esquema do CAMINHO, descrito por Johnson (1983, apud LIMA, 2009), em que o indivíduo aprende desde pequeno que um caminho consiste na saída de um ponto a outro, possuindo, dessa forma, um ponto de partida e um ponto de chegada; mais tarde esse esquema vai servir de base para expressões utilizadas no dia-a-dia, como “Fui do quarto para a cozinha”. Esse conceito se estende via metáfora. Já as categorias de nível básico, que são as primeiras a ser construídas pelo aparato cognitivo, se estendem através do mecanismo metonímico. Primeiro se aprende as categorias de nível básico para mais tarde aprender categorias de nível mais abstrato, como se vê na sequência das categorias BLUSA, ROUPA e CAMISETA.

Feita a contextualização da área em que os estudos da metáfora conceitual estão inserido, passamos a tratar, de forma mais específica, dos pressupostos teóricos que norteiam a investigação proposta, ou seja, da Teoria da Metáfora Conceitual.

A Teoria da Metáfora Conceitual é um modelo erigido por Lakoff e Johnson com o lançamento da obra *Metaphor we Live by*, em 1980, no qual os autores se contrapõem à visão tradicional da metáfora como figura de linguagem, de uso exclusivo dos poetas, e postulam que “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 3). Dessa forma, a metáfora integra nossa vida cotidiana e não somente a linguagem poética. O ser humano faz uso de expressões linguísticas metafóricas porque existe metáfora em seu sistema conceitual, uma vez que a metáfora está presente em nossos pensamentos e ações, passando a ter uma abordagem cognitiva, conforme pontua Lima (2009).

Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48) defendem que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, logo a metáfora consiste num mapeamento entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo, sendo que o primeiro é mais físico e o segundo mais abstrato. Como exemplo, podemos citar a metáfora conceitual MORTE É SONO, em que MORTE é o domínio-alvo e SONO é o domínio-fonte. É importante ressaltar que a significação da metáfora surge da interação entre mente-corpo-mundo, logo, a cultura em que estamos inseridos influencia diretamente no significado ou até mesmo no surgimento de uma nova metáfora conceitual.

Ademais, apesar de este trabalho trabalhar com a versão inicial da Teoria da Metáfora Conceitual, não desconsideramos que vários outros estudos já promoveram o aprimoramento desse modelo teórico, visto que essa é uma teoria que alcançou grande repercussão no âmbito Linguística Cognitiva.

### 3. As metáforas da morte nos poemas de autores da literatura brasileira

Estando os poetas inseridos em uma determinada sociedade, possuem estes, da mesma forma que os demais indivíduos, metáforas conceituais internalizadas na mente, o que faz com

que utilizem expressões metafóricas tanto na linguagem do cotidiano quanto em suas produções poéticas,

o que existe de diferente é que o poeta, além de utilizar os mesmos recursos do pensamento cotidiano, produz uma *extensão*, uma *elaboração*, uma *composição* desse pensamento, e faz questionamentos a respeito do que já é convencional. A utilização desses mecanismos se apresenta como um dos fatores que proporcionam uma diferenciação entre o texto poético e a linguagem comum. (LOIOLA, 2006, p. 154)

Os poetas podem lançar mão de diversos recursos na produção de um poema, entre eles o uso de expressões linguísticas metafóricas, licenciadas por diferentes metáforas conceituais. No *corpus* constituído para este trabalho, formado por quatorze poemas de autores da literatura brasileira, versando sobre a temática da morte, podemos observar como é significativa a incidência do uso desse recurso, ajudando-nos a explicitar as diferentes conceitualizações da morte assumidas pelos enunciadores dos poemas analisados, conforme apresentamos na sequência.

Na análise, inicialmente identificamos a ocorrência da metáfora conceitual MORTE É SONO, que tem como domínio-fonte SONO e o domínio alvo MORTE. Esta é utilizada por quatro dos sete autores das poesias constituintes do *corpus*. A grande utilização desta metáfora pode ser explicada pela experiência corpórea de uma proximidade aparente entre uma pessoa morta e uma pessoa que está dormindo, uma vez que em ambas as circunstâncias os indivíduos encontram-se deitados e com os olhos fechados, completamente inertes. Tal metáfora licencia várias expressões utilizadas pelos poetas, como podemos ver nos seguintes trechos:

(1) *Hirta e branca... Repousa a sua áurea cabeça*  
[...]  
*De mãos postas, num sonho ausente, a sombra espessa*  
[...]  
*Na sonolenta paz desta Câmara-ardente...*  
(GUIMARÃES, 2001, p. 54)

(2) *E ninguém surge aqui para velar-te o sono!*  
*E depois, nesse Morro onde a Alma em sonhos erra,*  
[...]  
*Há de dormir, sempre ao clamor da mesma guerra,*  
[...]  
(GUIMARÃES, 2001, p. 55)

(3) *Vou cantar-te uma página da vida*  
*De uma alma que penou, e já descansa.*  
(AZEVEDO, Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>.  
Acesso em 03 de março de 2010)

(4) *E minh'alma na treva agora dorme*  
*Como um olhar que a morte envolve em luto*

(AZEVEDO, Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>.  
Acesso em 03 de março de 2010)

(5) *Depois com o maior carinho*

***Os dois olhos lhe cerrou...***

(BANDEIRA, 1986, p. 194-195)

(6) *Quando eu **dormir**, tranqüilo, inerte,*

*Quero que a noiva, dentre o pó,...]*

(DA COSTA E SILVA, 2007, p.39)

Notemos que as expressões “repousa”, “sonho”, “sonolenta”, “descansa”, “dorme” e “olhos lhe cerrou”, são todas licenciados pela metáfora conceitual MORTE É SONO.

Observemos agora os trechos seguintes:

(7) *Do seu corpo **escurece a luz dos quatro círios**:*

*Ela faz-me pensar numa ancestral Condessa*

***Da Idade Média***, morta em sagrados delírios.

(GUIMARÃES, 2001, p. 54)

(8) *E minh'alma **na treva** agora dorme*

*Como um olhar que a morte envolve em luto*

(AZEVEDO, Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>.  
Acesso em 03 de março de 2010)

Nos trechos (7) e (8), já podemos identificar a existência de outra metáfora conceitual, ou seja, MORTE É ESCURIDÃO, cujo domínio-fonte é ESCURIDÃO e o domínio-alvo MORTE. A partir do mapeamento entre esses domínios, é possível o licenciamento das expressões metafóricas *escurece a luz dos quatro círios*, *Idade Média* e *treva*, empregadas na conceitualização da morte. Na identificação dessa metáfora, é necessário ativar o conhecimento prévio que envolve o conceito de Idade Média, vista na história como o século das sombras, da escuridão. Essa metáfora aparece imbricada também com outra metáfora, MORTE É PARA BAIXO, já que pelas nossas experiências corpóreas sabemos que quanto mais profundo mais escuro. Além disso, a metáfora conceitual MORTE É ESCURIDÃO tem íntima relação com outra metáfora identificada no *corpus*, ou seja, MORTE É MISTÉRIO, em que o domínio-fonte é MISTÉRIO e o domínio-alvo é MORTE, visto que se pode inferir que o que está no escuro é um mistério para os indivíduos, uma vez que estes não conseguem ver. Tudo o que é desconhecido constitui um mistério. Segue um dos trechos em que essa metáfora é identificada, atentando-se para o fato de que o enunciador concebe a morte como uma soma de vários mistérios que insistem em não serem desfeitos.

(9) *Ele apenas responde*

*(se acaso é responder*

***A mistérios***, somar-lhes

***Um mistério*** mais alto)

(ANDRADE, 2001, p.106-108)

Outra metáfora conceitual identificada na conceitualização da morte é MORTE É UMA VIAGEM, na qual a morte é concebida como uma passagem de um ponto (vida terrena) a outro (vida eterna). Tal metáfora é estruturada via esquema do CAMINHO, já descrito. Vejamos os trechos:

(10) *Depois de morto, quando eu chegar ao outro mundo,*  
(...)  
(BANDEIRA, 1986, p. 258)

(11) *Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!*  
*Não levo da existência uma saudade!*  
(AZEVEDO, Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>  
Acesso em 03 de março de 2010)

Nesses trechos, as expressões: “quando eu chegar ao outro mundo” e “Adeus, [...] não levo da existência” revelam a concepção dos enunciadores de que a morte é apenas a passagem de uma vida para outra, o que a caracteriza como uma viagem. O domínio-fonte dessa metáfora é VIAGEM e domínio-alvo é MORTE.

A metáfora conceitual MORTE É O DESTINO FINAL também é identificada no *corpus* e nesta a morte deve ser encarada como o fim de todo ser mortal, algo de que não se pode fugir, pois todos somos predestinados à morte. O domínio-fonte dessa metáfora é DESTINO FINAL e o domínio-alvo é MORTE. Vejamos a ilustração que segue:

(12) *Entre as aparências sem rumo,*  
*Responde o poeta: Ao meu destino.*  
(...)  
(13) *O chamavam, sem que ninguém*  
*Pressentisse, em torno, o Chamado.*  
(ANDRADE, 1998, p.71)

Alguns autores concebem a morte como um renascimento, daí a metáfora conceitual MORTE É RENASCIMENTO, em que o domínio-fonte é RENASCIMENTO e o domínio-alvo é MORTE. Essa metáfora conceitual vem de uma crença ou modelo cultural de que existe vida após a morte. A concepção de morte como renascimento traz embutida uma outra metáfora que revela outra forma de conceber a morte, ou seja, A MORTE É PARA CIMA. Vejamos algumas expressões licenciadas por essa metáfora nos seguintes trechos:

(14) *O poente funeral do teu olhar antigo,*  
*Para não mais ressuscitar aqui no mundo*  
(GUIMARÃES, 2001, p. 55)

(15) *Qualquer tempo é tempo.*  
*A hora mesma da morte*  
*É a hora de nascer*  
(ANDRADE, 2001, p. 74)



Outros autores vêem a morte como uma transformação e utilizam expressões licenciadas pela metáfora conceitual MORTE É TRANSFORMAÇÃO, cujo domínio-fonte é TRANSFORMAÇÃO e domínio-alvo é MORTE, como se observa num trecho de um poema de Álvares de Azevedo:

(16) *Agora tudo é cinza. Resta apenas  
A caveira que a alma em si guardava*  
(AZEVEDO, Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>.  
Acesso em 03 de março de 2010)

A metáfora conceitual MORTE É UMA PESSOA ocorre aliada ao fenômeno da recategorização, estratégia referencial pela qual a morte é concebida na forma de mulher, de noiva, ladrão ou pastora. Essa metáfora que licencia as recategorizações de morte pode ser observada em vários poemas. Em (17), tem-se a recategorização da morte como uma mulher materializada pela expressão a *Dama Branca*. Já em (18), a morte é recategorizada como a *Indesejada das gentes*:

(17) *A Dama Branca que eu encontrei,  
Faz tantos anos,  
[...]*  
(BANDEIRA, 1986, p. 62-63)

(18) *Quando a Indesejada das gentes chegar  
(não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.*  
(BANDEIRA, 1986, p. 202)

Outra recategorização licenciada pela metáfora MORTE É UMA PESSOA, é a de morte como noiva. Nesse caso, a morte é concebida como aquela que será recebida como esposa, numa espécie de comunhão com outra vida.

(19) *Tenho uma noiva: é Dona Morte.  
Meu casamento vou fazer,*  
(DA COSTA E SILVA, 2007, p. 39)

(20) *Ó Noiva do Sepulcro, solitária,  
Branca e sinistra no clarão dos círios!*  
(SOUZA, 2002, p. 49)

A morte como uma pastora é outra recategorização licenciada pela metáfora conceitual MORTE É UMA PESSOA, ilustrada no trecho seguinte:

(21) *E eu neste Horto da Vida, alma em dúvidas, anho  
Perdido; e a Morte a conduzir seu rebanho  
Ao sol, à chuva, ao luar, no Redil do Mistério.*  
(DA COSTA E SILVA, 2007, p. 43)

Por último, identificamos a metáfora conceitual MORTE É UM LADRÃO, ilustrada nos trechos (22) e (23). Tal metáfora pode ser explicada pela concepção de que a morte tira das pessoas a vida, sem pedir licença, bem como o direito de estar em companhia dos amigos e familiares, como se constata nos trechos finais seguintes:

(22) *Esqueleto armado de foice*  
*Que a mãe lhe **um dia levou**.*  
(BANDEIRA, 1986, p. 194-195)

(23) *Na minha vida sem lei nem rei*  
*Por uma noite de muito frio,*  
*A Dama Branca **levou meu pai**.*  
(BANDEIRA, 1986, p. 62-63)

#### 4. Considerações Finais

Na investigação procedida neste trabalho, onze metáforas conceituais que licenciam a conceitualização da morte em poemas da literatura brasileira foram identificadas, a saber: MORTE É SONO, MORTE É ESCURIDÃO, MORTE É PARA BAIXO, MORTE É UMA VIAGEM, MORTE É UMA PESSOA, MORTE É O DESTINO FINAL, MORTE É MISTÉRIO, MORTE É RENASCIMENTO, MORTE É PARA CIMA, MORTE É LADRÃO, MORTE É TRANSFORMAÇÃO. Tais metáforas são muito produtivas, pois aparecem várias vezes na construção dos poemas e em sua grande maioria são utilizadas por mais de um poeta. Ressaltamos que as metáforas conceituais identificadas constituem diferentes maneiras de ver a morte de acordo com cada cultura, cada época e crença. Dessa forma, pode-se concluir que os estudos sobre a metáfora conceitual são bastante produtivos para a compreensão dos modelos cognitivos/culturais que estão por trás da conceitualização de morte nas mais diversas escolas da literatura brasileira. Além disso, a compreensão da metáfora não apenas como um adorno da linguagem poética pode nos ajudar a ampliar os nossos horizontes quanto à construção do sentido do texto.

Por economia, trabalhamos na análise somente com fragmentos dos poemas constituintes do *corpus*. Mas deixamos claro que os trechos analisados, para uma melhor visualização das metáforas ilustradas, não devem ser vistos de forma isolada da construção global dos poemas analisados, cuja temática, reiteramos, é a morte. Da mesma forma, apesar de termos separado as metáforas para efeito de ilustração no *corpus*, temos ciência de que essas metáforas podem aparecer concomitantemente nos poemas.

#### Referências



ANDRADE, C. D. de. **Claro enigma**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AZEVEDO, A. Disponível em:  
<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>. Acesso em 03 de março de 2010.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

DA COSTA E SILVA, A. F. **Sangue**. Teresina: Oficina da Palavra, 2007.

GUIMARÃES, Alphonsus de. **Melhores poemas de Alphonsus de Guimarães**/ Seleção de Alphonsus de Guimarães Filho. São Paulo: Global, 2001.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LIMA, S. M. C. de. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 205f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LOIOLA, Rubens Lacerda. Metáfora conceitual no texto poético. In: MACEDO, A. C. P.;; BUSSONS, A. F. (OrgS.). **Faces da Metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, p. 153-165.

SOUZA, C. e. **Broquéis**. São Paulo: Martin Claret, 2002.